



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AS MARGENS DA EXPERIÊNCIA: OS MIÚDOS E OS MAIS VELHOS NA NARRATIVA DE ONDJAKI

Jane Vieira da Rocha

Universidade Federal de Santa Catarina

janerocha78@gmail.com

O trabalho aqui apresentado faz parte da pesquisa de mestrado que desenvolvo junto ao Programa de Pós-graduação em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa situa-se na esfera dos estudos de Literaturas Africanas de expressão portuguesa apresentando um olhar para os romances *Bom dia Camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético* do escritor Ondjaki. Temos como proposta investigar a representação de personagens crianças e de mais-velhos na narrativa do escritor angolano Ondjaki, bem como a sua relação com a história recente de Angola. Apresentamos essa reflexão sobre os romances do escritor Ondjaki, apoiada nas teorias pós-coloniais e dialogando com a tese de Walter Benjamin apresentada no ensaio *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Conjuntamente a essas formulações, apresentamos alguns elementos da historiografia angolana, que contribuem para se pensar as relações entre as narrativas de Ondjaki e a história angolana no contexto de pós-independência.

A pesquisa objetiva identificar a relação existente entre os personagens crianças e mais-velhos na obra do escritor Ondjaki e a história recente de Angola. Através da análise da narrativa de Ondjaki buscamos reconhecer os elementos literários que o autor utiliza e de que maneira ocorre o diálogo com a história recente angolana. O diálogo com a crítica literária angolana na contemporaneidade será realizado como maneira de construir um caminho para a análise das narrativas do escritor Ondjaki, visto o hiato que ocorreu no Brasil com relação aos estudos das literaturas africanas. A partir das reivindicações dos movimentos civis com o início do processo de redemocratização brasileiro, as lutas de gênero, raça, etnias foram se afirmando no território brasileiro. Para os movimentos sociais ocorreram inúmeros ganhos, inclusive na legislação brasileira.



A inclusão curricular de conteúdos de Cultura e História da África, representada pela lei 10.639/2003, traz um novo significado para as relações culturais afro-brasileiras. Importa pensar esse aspecto bastante representativo da vontade de se mostrar formas históricas outras, que possibilitem um entendimento mais amplo dos complexos processos identitários que se estabeleceram entre as nações pelas quais somos formados. Ao analisar a formação identitária em África, estaremos analisando a nós mesmos.

1. Contando estórias de Luanda: a narrativa de Ondjaki

“apenas vou reunindo vozes como brilhos num céu que as vezes me sucede demasiado escuro (...) assim vou cruzando os dias, inventando o tempo, tecendo as vozes, reinventando as impossíveis constelações”
troca de cartas entre Ondjaki e Ana Paula Tavares

A pesquisa apresenta uma reflexão sobre a literatura africana de expressão portuguesa, a partir da percepção de elementos presentes nas narrativas *Bom dia Camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, que apontam para convergências com as teses que Walter Benjamin elabora no ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*¹.

A formulação de Benjamin no referido ensaio, publicado em 1936, que procurava compreender as amplas modificações ocorridas na modernidade europeia a partir dos fins do século XIX apresenta-se acertadamente esclarecedora de todo o período que se segue. A afirmação se faz pertinente na medida em que o pensamento do teórico alemão permanece atual em vários aspectos. Interessa-nos neste momento pensar sobre a análise de Benjamin no que diz respeito à perda da experiência e ao declínio da capacidade de narrar. Ao refletirmos sobre a contemporaneidade das reflexões benjaminianas é que podemos compreender a singularidade do pensamento do teórico alemão.

Percebendo as mudanças radicais iniciadas pelo modelo de produção capitalista, Benjamin elabora uma ampla reflexão sobre a narrativa, influenciado pela *Teoria do Romance* de Lukács. Com o advento da Primeira Guerra Mundial observou-se que os

¹ BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.



soldados voltavam mudos. A partir dessa percepção é que o autor elabora a ideia da perda da experiência, que ocupa uma posição central no pensamento benjaminiano. A sociedade moderna, com a velocidade dos transportes, o ambiente da *urbe*, as galerias, as fábricas e as multidões, sinalizam para novos modos de compreender a existência humana. A sociedade moderna já não permite a existência da experiência completa (*Erfahrung*), e o que experienciamos, segundo Benjamin é a *Erlebnis*, a experiência degradada é o que nos é permitido atingir.

Neste contexto do ambiente moderno, com modificações sociais e econômicas profundas, as formas artísticas acompanham o movimento. Da incapacidade de compartilharmos nossas experiências vividas resulta o declínio da arte narrativa. Neste sentido, Benjamin observa que estamos diante que uma nova maneira de experienciar a vida e percebe que “a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.” (BENJAMIN, 1994, p.197).

Pensando na formulação benjaminiana, aliada ao contexto das literaturas angolanas é que podemos refletir sobre a possibilidade de no período pós-colonial as literaturas africanas apresentam a tentativa de recuperar a experiência, através do movimento de contar as histórias do “antigamente”.

A literatura angolana, até meados do século XX apresenta-se estritamente ligada aos domínios coloniais. A ficção angolana escrita neste período está vinculada com a literatura portuguesa, enquanto que as narrativas orais continuam apresentando os elementos que remetem aos valores de origem. Segundo Padilha,

a segunda metade do século XX vê acirrar-se em Angola um movimento de problematização e resistência cultural pelo qual se procura reafirmar a diferença da angolidade por tanto tempo marginalizada pelos aparatos ideológicos do colonizador e, naquele momento histórico, pensada como absoluto. (PADILHA, 2007, p. 17)

No movimento de buscar uma identidade angolana na literatura, os escritores utilizam elementos que permitam iniciar a descolonização, como aponta Padilha, *e a tradição oral é pensada como forma de gritar a própria alteridade* (2007, p.21). Em “Eu e o Outro”, o escritor angolano Manuel Rui nos fala a respeito do encontro da oralidade com a escrita:

E agora o meu texto se ele trouxe a escrita? O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

luta. Ah! Não tinha reparado. Afinal isto é uma luta. E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. (RUI, 2008, p. 28)

No jogo de identidades que se origina com o processo de colonização angolana a literatura apresenta-se como um instrumento de luta, trabalhando para a reconstrução do corpo fracturado da nação, como aponta Inocência Mata (2008, p.81). A necessidade de uma “escrita da história” toma parte do desejo dos escritores, objetivando recuperar as histórias que o colonialismo deixou de lado. Como representantes desse movimento de cerzimento identitário a autora destaca os escritores Pepetela, Boaventura Cardoso, Manuel Rui, João Melo e Ondjaki entre poucos outros.

Encontramos nos romances *Bom dia Camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético* elementos que revelam o movimento transformador, de recriação e reinvenção dos discursos hegemônicos da história do colonialismo português. A utilização de uma linguagem que busca recriar a oralidade; a utilização da sinestesia, que aparece como maneira de recuperar a memória de um tempo vivido pelos sentidos; a memórias e as recordações da infância são as linhas que tecem as narrativas de Ondjaki.

A reflexão apresentada pelos estudos pós-coloniais busca problematizar as construções históricas produzidas por nações que participaram de processos de colonização e dominação. As narrativas únicas e hegemônicas das nações são apresentadas por Benedict Anderson (1993) como uma maneira de preservar os poderes e forças do sistema colonial. Desse modo, os estudos pós-coloniais têm como premissa a noção de que é necessário discutir e combater os discursos hegemônicos e apresentam uma discussão bastante importante sobre a necessidade de uma reconfiguração de modelos de sujeitos pré-estabelecidos. Visando discutir e combater os discursos hegemônicos de nações, Hall observa que

A colonização reconfigurou o terreno de tal maneira que, desde então, a própria idéia de um mundo composto por identidades isoladas, por culturas e economias separadas e auto-suficientes tem tido que ceder a uma variedade de paradigmas destinados a captar essas formas distintas e afins de relacionamento, interconexão e descontinuidade. (HALL, 2003, p.117)

O colonialismo em Angola é permeado por um longo período, que atravessa os séculos XV até o XX. O resultado não poderia ser mais devastador: séculos de exploração colonial por Portugal, seguida pela guerra civil iniciada após a independência do país trouxeram imensos prejuízos materiais e humanos para a nação



angolana. É justamente com a aproximação das narrativas orais que a literatura do escritor Ondjaki vai se revelando como uma sobrevivente de territórios globalizados e discursos hegemônicos de nação.

Os modos de vida dos diferentes povos africanos foram se constituindo ao longo dos séculos, num processo que privilegiava a continuidade sobre a mudança. O impacto das influências européias, a crescente urbanização e o êxodo da solidariedade das aldeias para o individualismo e a pobreza nas grandes cidades apressaram, porém, a alteração dos costumes. Mas as antigas maneiras de ser resistem onde, como e quanto podem. (COSTA E SILVA, 2008, p. 61)

Benjamin (1994) valora as narrativas orais, aquelas contadas de geração para geração e observa que: “Entre as narrativas escritas as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. (p. 198)

O desejo de reinvenção, de recriar um passado, de inventar memórias está fortemente presente no romance *Bom dia Camaradas*. O escritor angolano Ondjaki, nascido em 1977, reinventa o período pós-independência luandense. Ondjaki nasce na Angola pós-colonial, que durante muito tempo esteve sob o regime colonial, em 1975, após longos conflitos, torna-se independente de Portugal. O diálogo com o passado histórico de seu país é bastante evidenciado na narrativa de *Bom dia Camaradas*.

Ondjaki nos mostra através do menino Ndalú, personagem-narrador o cotidiano das brincadeiras com os colegas, o dia-a-dia na escola com os professores cubanos, o relacionamento com o camarada António, empregado da família e com a tia portuguesa, tudo com um sabor de ingenuidade, visto pelo olhar de uma criança. O menino, personagem central do romance aparece como um contador de histórias. Ele é quem vai nos relatando o seu dia-a-dia e comunicando as suas experiências. O período em que se passam os acontecimentos consiste numa época bastante familiar ao autor: o período de pós independência em Angola. Este quadro histórico é o ambiente do escritor Ondjaki e a partir deste período é que ele realiza o seu romance. Longe de buscar um relato fiel aos acontecimentos políticos do seu país, o que o autor nos mostra é um olhar ingênuo, suave e fantasioso do período da infância.

Ao ser questionado sobre a veracidade dos acontecimentos Ondjaki define o texto como uma "autobiografia ficcionalizada"². As memórias, as lembranças e

² Trecho de entrevista com o escritor Ondjaki Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1131821-EI6581,00.html>> . Acesso em 02 mai 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

recordações passam por eventos vivenciados pelo próprio escritor. Encontramos aqui uma relação com o pensamento de Benjamin (1994) quando ressalta a maneira artesanal com que as narrativas são contadas.

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio artesão- no campo, no mar e na cidade-, é ela própria num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em-si da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narração a marca dele, como a mão do oleiro na argila do barro.” (BENJAMIN, 1994, p.205)

A maneira como o menino se relaciona com os demais personagens do livro nos releva os seus modos de refletir e imaginar sua vida. Dessa forma ele imprime na narrativa as suas percepções, “sua marca na argila”. No diálogo interessante do menino com o camarada António, empregado da família, percebemos os olhares e sentires sobre a colonização portuguesa. O menino questiona o camarada António sobre o período em que os portugueses comandavam o país. O diálogo do menino com o camarada António, que inicia o romance, representa o contraste entre as visões políticas nos anos 80:

Mas Camarada Antonio, tu não preferes que o país seja assim livre?
Mas, António...Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?
-Ê!, menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa...tinha tudo, não faltava nada...
(...)
Mas ninguém era livre, António...não vês isso? (ONDJAKI, 2007, p.17-18).

Walter Benjamin (1994) elabora várias distinções entre a narrativa e o romance e observa que na narrativa “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se.” (p.201). Em *Bom dia camaradas* encontramos afinidades com o pensamento benjaminiano, o narrador, o menino, o Ndalú nos conta sua própria experiência. A utilização da estratégia de uma autobiografia ficcionalizada traz para o centro da discussão as histórias e ficções possíveis de serem contadas, ou inventadas, ou reinventadas. A utilização dessa estratégia cria uma forma de se pensar nas narrativas históricas e a maneira como elas também podem ser ficcionalizadas.

Em *Bom dia camaradas*, o menino narrador apresenta as brincadeiras da escola com os colegas, as divertidas histórias que os mais-velhos contam sobre a lenda do Caixão Vazio, e com especial atenção apresenta os diálogos com os professores cubanos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A relação do menino com os professores é expressa de uma maneira muito suave e delicada. Ao falar dos professores mostra um encantamento por aqueles que deixaram o seu país para poder contribuir na reconstrução da Angola pós-independente, como no diálogo com Romina, a colega da escola:

-Já viste o que é, vir para um país que não é o deles, vir dar aulas ainda vá que não vá, mas aqueles que vão para a frente de combate...Quantos angolanos é que tu conheces que iam para Cuba lutar numa guerra cubana?

-Eu não conheço nenhum..

-Eu acho que eles são muito corajosos. Nunca ouvi nenhuma estória de cubano que estivesse a fugir do combate...-A Romina parecia bem informada, eu não quis ficar atrás.

-Nem pensar, até bem pelo contrário, toda gente sabe que eles são bem corajosos...

(ONDJAKI, 2001, p. 77)

Ondjaki elabora através dos personagens crianças e mais-velhos, um universo permeado pela sabedoria e experiência. No romance *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de 2008, Ondjaki apresenta as memórias do menino Ndalú e a presença das suas avós em uma estória mágica e colorida, emoldurada pela presença soviética em Luanda no período de pós-independência angolana.

No romance Ondjaki nos apresenta, com uma força maior a sua admiração pelos mais-velhos, aqueles que possuem experiência e memórias, através do relacionamento do menino-narrador com as suas avós. Em *Momentos de aqui*, livro de contos publicado em 2001, Ondjaki já anunciava a presença da Avó Catarina. Em “As muitas visitas da Avó Catarina”, Ondjaki relembra as visitas feitas pela Avó Catarina depois de morta, a maneira como ela se aproximava dos netos e sussurrava estórias para as crianças. Com o passar dos anos já não acreditavam mais nas aparições da Avó e o menino que era o mais novo foi o último a vê-la “Vivemos um período de riqueza da tradição oral” (p.85), observa o narrador, e conta que

“ela dividiu as nossas memórias, preparou-nos um a um, para anos mais tarde cada um de nós se lembrar da parte que lhe coubesse. Foram tempos de imensa passagem de testemunhos vivenciais que a Avó Catarina não permitiu que o tempo engolisse.
(ONDJAKI, 2001, p.85)

Em *AvóDezanove e o segredo do soviético* vemos a AvóCatarina aparecer abrindo e fechando as janelas e conversando com o menino narrador. No dia em que a AvóDezanove recebe a visita do médico cubano Rafael TruzTruz a avó diz ao menino:

-Está na hora de fechar as janelas-ela me assustou com a voz dela muito baixa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

-Que susto, AvóCatarina.

-Desculpa, filho.

-A avó não vai descer para ouvir as conversas cubanas do camarada médico Rafael TruzTruz?

Não gosto de aparecer aos estranhos, meu querido -a AvóCatarina parecia triste na voz, fechou as janelas do quarto que ficou muito escuro. -Desce, meu querido, podem precisar de ti para entender a língua cubana.

-Ficas aqui sozinha, Avó, sem luz nenhuma?

-Já não tenho medo do escuro.

(ONDJAKI, 2008, p. 54)

Padilha vê na oralidade uma das formas de manifestação da ancestralidade cultural angolana. A autora entende a ancestralidade como um traço distintivo do discurso narrativo angolano em que se revela uma visão nefro-africana do mundo, criando uma interação entre os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais. A utilização dessa marca ancestral nas narrativas analisadas traz um encantamento e beleza ao texto que já não sendo mais a narrativa oral, se “griotiza”, como nos falou Manuel Rui e se prepara assim para se materializar no universo da escrita. Essa escrita trabalha com o gesto revitalizador de poder participar do domínio da cultura letrada. E assim, a ferramenta de luta se instaura pela escrita, ou como nos ensina Ondjaki, “a caneta é a arma do pioneiro.”

Em *AvóDezanove e o segredo do soviético*, aparece a AvóAgnette, mais conhecida por AvóDezanove na Praia do Bispo. A Praia do Bispo é o cenário onde se desenvolve o romance, em os acontecimentos vão sendo narrados poeticamente com muita delicadeza, ingenuidade e alegria pelo narrador menino. A estória que aqui se conta é o temor das crianças em verem suas casas, as casas do bairro explodidas, para que se construa um mausoléu para o camarada Agostinho Neto. Em conferência Ondjaki nos apresenta os seus desejos em escrever essa narrativa.

“Quando as casas de um bairro são ameaçadas pela presença de uma obra, a famosa obra dos anos 80, o Mausoléu que estava a ser criado para colocar o corpo embalsamado do camarada Presidente Agostinho Neto, as crianças reagem e tomam as decisões em secretismo: havia que derrubar a enorme obra de cimento, antes que “os adultos” decidissem derrubar o seu bairro. Erroneamente interpretado como um ataque à personagem do primeiro presidente angolano, na minha opinião, o livro quer apenas chamar atenção para o poder dos afectos no universo infantil: as crianças defendem os elementos que constituem as raízes do seu coração e do seu mundo. E uma casa, um bairro, pode ser o mundo de cada um. Sobretudo na infância onde, sob o poder da pureza, todas as coisas ganham uma dimensão maior. Também as magias e os medos.” (ONDJAKI, 2010).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Através do diálogo com a tradição oral, seja pelas temáticas ou pela linguagem, Ondjaki explora a relação com elementos presentes nas narrativas orais como as memórias, a infância, a experiência, a morte, os mais-velhos e o fantástico. A memória como maneira de reinventar o vivido apresenta-se como elemento fundamental na construção das narrativas ondjakianas.

A escrita de Ondjaki, para além de reinventar fatos vividos, *desengaiola sentimentos*³, produz uma descoberta em nós, os leitores, que nos permite imaginar mundos outros, sentires outros e vidas outras. A temática trabalhada pelo escritor Ondjaki reinventa as significações de um passado muito presente na contemporaneidade angolana. Ao retratar o período pós-colonial, o escritor nos apresenta a memória de seu país. Memória dolorosa, cercada de traumas, guerras, seus mortos e sobreviventes. Ele próprio um sobrevivente deste país que necessita se reinventar para assumir um lugar dentro do universo “globalizado” do mundo contemporâneo. O que nos é apresentado nas obras de Ondjaki é uma espécie otimismo, pois segundo o escritor “temos que ser otimistas”⁴, é a única maneira de continuarmos a viver, otimismo expresso no lirismo presente em suas obras. A possibilidade de sonhar e viver.

Em diversas ocasiões, o escritor Ondjaki destaca que a sua escrita é uma escrita honesta para com os fatos históricos. Seu cenário é a Luanda pós-colonial, uma cidade onde não se vivenciou a guerra como ocorreram em outras regiões de Angola. Deste modo, não encontramos relatos de guerras e combates pois eles aconteceram distantes das suas memórias. As memórias são o cheiro da poeira das ruas de Luanda, as ocasionais faltas de água e luz, conjuntamente com as brincadeiras das crianças, o cotidiano na escola, o afeto recebido em casa pelos pais, pelas avós, pelos mais-velhos.

Construindo assim, um espaço e tempo na escrita, o escritor nos revela a infância através de memórias de um lugar em que já não se pode estar mais. O possível é rememorar através da escrita essas estórias que ficam marcadas no universo nostálgico da saudade.

Para Chaves (2005), ao reescrever e remitificar o passado os escritores (pós-coloniais) constroem uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar

³ COUTO, Mia. As visitas de Ondjaki. In Ondjaki. Momentos de aqui. Caminho, Lisboa, 2001.

⁴ Trecho de entrevista com o escritor Ondjaki Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1131821-EI6581,00.html>. Acesso em 02 mai. 2007.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África. As narrativas de Ondjaki apresentam-se como uma maneira de fazer falar, pela literatura, as vozes silenciadas dos vencidos, invisibilizados pela História da narrativa hegemônica do colonialismo.

A relação que as narrativas analisadas estabelecem entre os miúdos e os mais velhos está inserida no contexto das práticas ancestrais narrativas de resistência, como aponta Padilha (2007, p.27). O encontro geracional entre as crianças e os mais-velhos apresenta um resgate de valores ancestrais que se tornam essenciais para o fortalecimento identitário. Através dos mais velhos é que vão se estabelecendo, através de conselhos, de estórias, de afetos, de experiência e sabedoria a identidade dos miúdos. E desta forma, Ondjaki também nos relata o seu relacionamento com os seus mais-velhos literários. Ao falar sobre os escritores angolanos que admira, nos ensina que,

A título pessoal, sinceramente, nunca sofri com a sombra deles, pelo contrário, obtive imensa frescura e amizade. Os mais-velhos sempre me aconselharam e me ajudaram. Cabe aos mais novos entenderem e descobrirem a sua via. Na arte, em última instância, só existe a via de cada um. E é assim, e assim será. Podemos beber, escutar, mas há que reflectir e avançar. Descobrir o mundo dentro do nosso mundo. A nova geração de literatura angolana só tem de se preocupar com a qualidade da sua produção e respeito pela coerência e importância dos seus sonhos. O resto, virá por si.⁵

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

APPIAH, Kwame Anthony. A invenção da África. In: *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: ____ *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAVES, Rita. *Pepetela: Romance e utopia na história de Angola*. Disponível em <www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via02/via02_18.pdf>. Acesso em 05 fev. 2010.

COSTA E SILVA, Alberto da. Quarta conversa. In: ____ *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

⁵Trecho de entrevista com o escritor Ondjaki. Disponível em <http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-ondjaki-a-capacidade-de-sobrepôr-a-boa-disposicao-as-dificuldades-em-angola>. Acesso em 13 mai. 2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial. Pensando no limite In:___ *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003

____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ONDJAKI. *AvóDezanove e o segredo do soviético*. Editorial Caminho, Lisboa, 2008.

____. *Bom dia Camaradas*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

____. Partilhar os sonhos: estórias para crianças de Angola. Conferência apresentada no Congresso Djumbai na Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

____. Entrevista disponível em <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1131821-EI6581,00.html>>. Acesso em 27 jun. 2007.

____. Entrevista disponível em <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/entrevista-a-ondjaki-a-capacidade-de-sobrep-or-a-boa-disposicao-as-dificuldades-em-angola>>. Acesso em 13 mai. 2011.

____. *Momentos de Aqui*. Editorial Caminho. Lisboa, 2001.

PADILHA, Laura C. & RIBEIRO, Margarida Calafate. **Lendo Angola**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

PINTO, António Costa. *História da Expansão Portuguesa*. Volume V. Último Império e Recentramento (1930-1998). Círculo dos Leitores, s. d.